

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 16
Valor Apologético da Profecia, Introdução a Obadias

X. Valor Apologético da Profecia

Na semana passada, dei a você o numeral romano X. Espero que você tenha conseguido examiná-lo, porque o que pretendi ao entregá-lo foi economizar tempo ao passar por isso. Deixe-me apenas repassar isso e, se você tiver dúvidas, talvez possamos discuti-la mais a fundo. Mas não vou ler todo o folheto, mas destacar algumas coisas.

A. A profecia bíblica tem valor apologético?

A. é: “A profecia bíblica tem valor apologético? Considerações preliminares”. Historicamente, há muitas pessoas que sentem que há valor apologético na profecia preditiva e, portanto, é uma ferramenta apologética que pode ser usada efetivamente para defender a veracidade da Bíblia e a existência de Deus que falou por meio das Escrituras. Porque você pode olhar para as profecias, dadas séculos atrás, e ver o cumprimento em tempos muito posteriores, e isso fornece uma boa ferramenta apologética para defender a veracidade das Escrituras e a existência de Deus.

1. Aalders: pouco valor

Portanto, minha primeira afirmação é que há uma boa razão para responder afirmativamente a essa pergunta. Existe valor apologético? Eu acho que existe. Mas há alguns evangélicos entre nós que responderiam negativamente. Agora, quando você sai do mundo evangélico, há muitos estudiosos críticos que dizem que não há valor algum. Eu uso para fins de ilustração, um estudioso holandês GC Aalders, professor de Antigo Testamento na Universidade de Amsterdã, onde fiz meu trabalho. O volume que ele escreveu, você pode ver ali no segundo parágrafo, é chamado *O Falso Profeta em Israel*. Ele discute nesse livro esta questão do

valor apologético. Ele observa alguns fatores positivos, como o uso do cumprimento da profecia de maneira positiva e esses fatores positivos são numerados de 1 a 5 na página 1 de seu esboço. Não vou revisar todos eles, mas vá para a página 2. Aalders tem algumas sérias objeções ao apelo ao cumprimento de profecias como um critério para demonstrar a verdade das Escrituras. Em sua opinião, quando você olha para essas objeções, as objeções mostram que o valor apologético do argumento não é tão grande quanto você pode inicialmente pensar. Então, o que se segue é uma lista de suas objeções. Há três deles.

a. Disputas sobre Cumprimento

O primeiro é um “Disputas sobre o cumprimento”. Ele cita, por exemplo, Abraham Keunen em seu livro *Os Profetas e Profecia em Israel*, e dá uma lista de profecias não cumpridas. Ele diz que Keunen mudou o argumento apologético com base em profecias não cumpridas e argumentou contra as profecias cumpridas.

b. Disputas sobre namoro e fatores subjetivos

Em segundo lugar, “Disputas sobre datação e fatores subjetivos na avaliação das conexões entre a profecia e seu cumprimento”. Em outras palavras, você entra em conflito com Daniel e a segunda parte de Isaías. Daniel é datado no tempo que afirma ser ou é algum anônimo escrevendo por volta de 165 aC quando Antíoco Epifânio já havia aparecido em cena?

Ele cita um homem chamado Davidson que diz que, se o argumento do cumprimento realmente tiver valor probatório, ele deve aderir às seguintes condições: “Primeiro, a *promulgação conhecida* deve ser anterior ao evento. Em segundo lugar, deve haver um *cumprimento claro* e palpável disso. Por fim, a *natureza do próprio evento* se, quando a previsão foi dada, estava *distante* da visão humana e era tal que não poderia ser previsto por qualquer *esforço razoável da razão*, ou *deduzido* de princípios de *cálculo* derivados da *probabilidade* ou

experiência .” Agora, nessa declaração, todas essas palavras em itálico são o que os Aalders chamariam de julgamentos subjetivos . Coisas como promulgação conhecida, natureza do evento não poderiam ser previstas pelo esforço da razão, não poderiam ser vistas ou produzidas por dedução. Então Aalders diz que com relação a esses julgamentos de valor subjetivos, é claro que as pessoas irão diferir em suas conclusões de modo que uma verdade real e convincente nunca possa ser encontrada. Mas então você vê o que ele faz, ele inverte isso e diz que o inverso também é verdadeiro, de modo que nenhuma prova convincente contra a origem divina da profecia pode ser feita por seu não cumprimento como Keunen tenta. Em outras palavras, todo o negócio pode cair porque é determinado subjetivamente. Então essa é sua segunda objeção.

c. A linguagem simbólica anula o valor apologético

A terceira é “a linguagem simbólica anula o valor apologético”. Posso dizer desde o início que Aalders é um amilenista. Ele está inclinado a tomar as profecias do reino do Antigo Testamento para Cristo em um sentido espiritual ou figurativo e aplicá-las à igreja. Então, várias linhas naquele parágrafo sobre valor simbólico e apologético, ele diz que isso cria uma dificuldade particular para apelar para profecia e cumprimento como ferramenta apologética. Aalders argumenta que a abordagem literal de homens como Keith não faz justiça à natureza simbólica de muitas profecias. É opinião de Aalders que as profecias freqüentemente falam de Jerusalém, Sião e do templo para indicar as realidades espirituais da nova aliança.

Veja a passagem de Isaías 2: “Todos virão ao monte do Senhor, será alto e exaltado.” Essa é a vinda da Igreja! Assíria e Babilônia tipificam direções pecaminosas e destrutivas. Ele não está falando de uma série de babilônias, mas dos inimigos do reino de Deus, no sentido espiritual. Ele acrescenta que não consegue ver como, observe isso, “alguém que adota um método de interpretação mais literal como Keith pode se manter livre do erro chiliast”.

Você sabe qual é o erro chiliast? Chiliast é mil! É a escatologia pré-milenar,

onde você pega essas profecias que falam do futuro reinado de mil anos de Cristo aqui na terra, no qual as espadas serão transformadas em arados. Então você vê o que ele está dizendo é, se você está interpretando literalmente, você se tornará um pré-milenista. Isso é impensável para alguém como Aalders. Ele diz que se as profecias sobre a Babilônia fossem cumpridas literalmente até os detalhes, não se pode propor uma maneira diferente de cumprimento para as profecias sobre Jerusalém e Israel. Deve-se esperar também o cumprimento literal detalhado dessas profecias. Fica claro, portanto, de acordo com Aalders, que o apelo ao cumprimento literal das profecias envolve a apologética em uma grande dificuldade.

Mas, e aqui estão todos os pontos positivos, se alguém abandona o método literal de interpretação em favor de uma realização espiritual, então perde sua arma. Por que? A realização espiritual é difícil de explicar para aqueles que se opõem à fé cristã. Em outras palavras, se você vai usar profecia e cumprimento como uma ferramenta apologética e vai interpretá-la simbolicamente, isso corta a força do argumento apologético.

d. Observação: Amilenistas - Apologética Pressuposicional, Pré-Milenistas - Evidencialistas

Lembro-me de ler isso há alguns anos, e algo me ocorreu, mas nunca o juntei antes. Eu acho que isso é verdade, e isso é: se você olhar para os intérpretes evangélicos, descobrirá que os intérpretes amilenistas são normalmente pressuposicionalistas na apologética. Os amilenistas tendem a interpretar de forma mais simbólica e figurativa, e normalmente não usam a profecia e o cumprimento como evidência da veracidade da Bíblia. Enquanto os pré-milenistas, que tendem a interpretar mais literalmente, geralmente não são pressuposicionalistas na apologética. Eles geralmente são evidencialistas, e esta é uma das evidências da veracidade das Escrituras. Então, você pode pensar que não há nenhuma conexão entre sistemas apologéticos e sistemas escatológicos, mas eu acho que há uma

conexão bem estreita quando você realmente reflete isso. Em geral, aqueles que são amilenistas também serão apologéticos pressuposicionalistas e aqueles que são pré-milenistas, em geral, serão evidencialistas em apologética. Tenho certeza de que há exceções, mas, em geral, certamente se encaixa com Aalders, e ele faz questão disso.

e. Conclusão de Aalder

Observe esta próxima declaração. Aalders então conclui que não é o cumprimento da profecia que traz a convicção da verdade divina da escritura, mas o contrário - a convicção da verdade divina da escritura leva à crença no cumprimento da profecia. E, claro, novamente, a visão escatológica é bastante próxima da visão apologética. Ele argumenta que a certeza da verdade revelada de Deus não repousa em nenhuma evidência externa, mas em si mesma. Deus não força os homens a acreditar. É também a sua vontade que o cumprimento da profecia não fique fora de qualquer dúvida como algo incontroverso, mas sim que dê apenas uma certeza que o crente possa encontrar nela apoio para a sua fé. Em outras palavras, alguém que chegou à fé e acredita, e depois olha para as profecias, pode encontrar apoio para sua fé, mas alguém que não chegou à fé pode agora olhar e encontrar pouco ou nenhum valor nelas.

Ele diz que para aquele que reconhece a Bíblia como a palavra de Deus o cumprimento das profecias é claro como o dia e, portanto, pode servir para confirmar sua fé. Isso é certamente legítimo. Minha pergunta favorita é: isso também tem algum papel para o incrédulo, para trazê-lo ao lugar de estar aberto, de ouvir a Bíblia? Então ele diz que o cumprimento da profecia não é sem valor em um sentido secundário, mas para aquele que não acredita na Escritura, ela não fala tão claramente que é forçado a ver a origem divina da Escritura.

Aalders diz que, portanto, tudo se resume ao que ele chama de princípio interno, que está no cerne de sua posição - alguém acredita que a Escritura é a palavra de Deus ou não acredita que a Escritura seja a palavra de Deus. Essa

crença é fruto da obra do Espírito Santo. O fundamento final para a certeza da verdade cristã deve ser buscado no testemunho do Espírito Santo.

Portanto, sua conclusão é que é melhor a apologética não se envolver na busca de evidências objetivas para a verdade das Escrituras, mas sim recuar para esse ponto de vista subjetivo e então demonstrar que a visão de mundo não-cristã, apesar dos argumentos para o contrário, também não pode justificar-se com nenhum fundamento de evidência, e tem seu próprio ponto de partida no subjetivo tanto quanto a posição cristã. Então, esse é o cerne de sua visão sobre “o valor apologético da profecia”. Na opinião dele, ou você acredita na Bíblia e nas escrituras ou não! E quer você acredite ou não que a Bíblia é a palavra de Deus, é a obra do Espírito Santo! É subjetivo. Mas então você inverte isso e diz aos que não são crentes que a posição deles também é subjetiva. Agora eu acho que nisso você encontra a diferença entre abordagens pressuposicionais e evidenciais para a apologética, que é outro grande assunto.

4. Comentários de Machen Eu tenho um parágrafo lá de JG Machen da publicação “Cristianismo e Cultura”. Detalhes são encontrados em sua bibliografia. Você percebe a declaração sublinhada na parte inferior da página de Machen. Ele diz: “Seria um grande erro presumir que todos os homens estão igualmente bem preparados para receber o evangelho. É verdade que a questão decisiva então é o poder regenerativo de Deus”. É a obra do Espírito Santo que leva as pessoas ao conhecimento de Cristo. Ele diz: “Isso pode superar toda a falta de preparação, e a ausência dela torna inútil até mesmo a melhor preparação”. E aqui está a declaração sublinhada: “Mas, de fato, Deus geralmente exerce esse poder em conexão com certas condições anteriores da mente humana, e deve ser nosso criar tanto quanto pudermos, com a ajuda de Deus, aquelas condições favoráveis para a recepção do evangelho... Não quero dizer que a remoção de objeções intelectuais fará de um homem um cristão. Não, a conversão nunca foi operada simplesmente por argumentos. Uma mudança de coração também é necessária. E isso só pode

ser feito pelo exercício imediato do poder de Deus.”

Mas observe a próxima afirmação: “Mas porque o trabalho intelectual é insuficiente, não se segue, como tantas vezes se supõe, que seja desnecessário. Deus pode, é verdade, superar todos os obstáculos intelectuais por um exercício imediato de Seu poder regenerativo. Às vezes ele faz. Mas ele o faz muito raramente. Geralmente Ele exerce Seu poder em conexão com certas condições da mente humana.” A mente olha e avalia quaisquer afirmações feitas sobre a veracidade da Bíblia e a veracidade do Evangelho. “Geralmente ele não traz para o Reino, totalmente sem preparação, aqueles cujas mentes e fantasias são completamente dominadas por ideias que tornam a aceitação do evangelho logicamente impossível.”

Francis Schaeffer costumava falar sobre as pessoas como pré-evangelistas e ele quer dizer lidar com perguntas, tentando responder a objeções ao ouvir as Escrituras ou à mensagem do Evangelho. Acho que é disso que Machen está falando aqui.

Listei a seguir outro ensaio de Machen que está em suas citações, páginas 32-33. Ele diz algumas das mesmas coisas nessa discussão. Vejamos alguns desses parágrafos. Machen diz: “Um homem ouve algum verdadeiro pregador do evangelho. O pregador fala sob a autoridade de um livro que está aberto ali no púlpito. À medida que as palavras desse livro são expostas, o homem que ouve descobre que os segredos de seu coração são revelados. É como se um manto tivesse sido puxado. O homem de repente se vê como Deus o vê. De repente, ele percebe que é um pecador sob a justa ira e maldição de Deus. Então, do mesmo livro estranho vem outra parte da autoridade soberana. O pregador, ao expor o livro, parece ser um embaixador do rei, um mensageiro do Deus vivo. O homem que ouve não precisa de mais reflexão, nem de mais argumentos. O Espírito Santo abriu as portas do seu coração. 'Esse livro é a palavra do Deus vivo', diz ele; 'Deus me descobriu, ouvi sua voz, sou dele para sempre.' ”

Então Machen comenta: “Sim, às vezes é assim, e não por meio de

argumentos elaborados, que um homem se convence de que a Bíblia é a palavra de Deus”. Mas então você percebe que ele repete o que disse na outra citação: "No entanto, isso significa que o argumento é desnecessário ... posso estar convencido de toda a minha alma de que a Bíblia é a palavra de Deus; mas se meu vizinho apresentar considerações para mostrar que é realmente cheio de erros, não posso ser indiferente a essas considerações. Posso de fato dizer a ele 'suas considerações estão erradas e, porque estão erradas, posso, com boa consciência, manter minhas convicções.' Ou posso dizer a ele: 'O que você diz é verdadeiro o suficiente em si mesmo, mas é irrelevante para a questão de saber se a Bíblia é a palavra de Deus.' Mas não vejo como posso dizer a ele: 'Suas considerações podem ser contrárias à minha convicção de que a Bíblia é a palavra de Deus, mas não estou interessado nelas; continue apegando-se a elas se quiser. faça isso, mas, por favor, concorde comigo também em afirmar que a Bíblia é a palavra de Deus.'" É uma situação muito real. Ele diz: “Não, não posso dizer isso.” Esta última atitude é certamente bastante absurda. Duas coisas contraditórias não podem ser ambas verdadeiras. Não podemos continuar sustentando a Bíblia como a palavra de Deus e ao mesmo tempo admitir a verdade de considerações que são contrárias a essa nossa convicção.

Eu acredito com toda a minha alma, em outras palavras, na necessidade da apologética cristã, a necessidade de uma defesa fundamentada da fé cristã e, em particular, uma defesa fundamentada da convicção cristã de que a Bíblia é a palavra de Deus”.

E então ele diz que estava em uma conferência estudantil onde métodos de evangelismo estavam sendo discutidos. Ele diz que alguém se levantou e disse (no meio do próximo parágrafo): “Você nunca ganha um homem para Cristo até que pare de discutir com ele”. Você provavelmente já ouviu isso antes. Ele diz: “Bem, vocês conhecem meus amigos, quando ele disse que não fiquei nem um pouco impressionado. É claro que um homem nunca foi ganho para Cristo *meramente* pelo argumento. Isso está perfeitamente claro. Deve haver a obra misteriosa do

Espírito de Deus no novo nascimento. Sem isso, todos esses argumentos são inúteis. Mas porque os argumentos são insuficientes, não se segue que sejam desnecessários. O que o Espírito Santo faz em um novo nascimento não é fazer de um homem um cristão, independentemente da evidência, mas, ao contrário, limpar as névoas de seus olhos e capacitá-lo a atender à evidência.

Portanto, acredito na defesa fundamentada da inspiração da Bíblia. Às vezes é imediatamente útil para trazer um homem a Cristo... Mas seu uso principal é de um tipo um pouco diferente. Seu principal uso é capacitar o povo cristão a responder a perguntas legítimas, não de oponentes vigorosos do cristianismo, mas de pessoas que buscam a verdade e são perturbadas pelas vozes hostis que são ouvidas por todos os lados. Então, há aqueles comentários de Machen.

5. Fé e Razão – 1 Pedro 3:15 – Santo Agostinho Meu próximo comentário sobre esse folheto é que é obra do Espírito Santo abrir o coração. É nossa responsabilidade apresentar as provas. Parece-me que há lugar para raciocínio e defesa do Evangelho. 1 Pedro 3:15 diz que é nossa responsabilidade dar razões para a fé que está dentro de nós.

Há dois outros artigos referenciados no próximo parágrafo. Primeiro, AJ Neuhaus, “Por que podemos nos dar bem”, em *First Things*. Vá para a página 33 de suas citações. Ele está falando neste artigo sobre conexões entre fé e razão. E ele diz: “Ao pensar sobre as conexões entre fé, razão e discurso, Santo Agostinho é particularmente útil. É possível encontrar trechos, especialmente de seus escritos devocionais e homiléticos, que podem ser usados para mostrar que Agostinho é um fideísta, alguém que sacrifica a razão pela fé”. Você sabe, para mim parece que é alguém que mantém a posição de Aalders quando diz que tudo é um princípio interno. Ou acreditamos ou não acreditamos. A evidência não tem nada a ver com isso. Isso é fideísmo. Ela “pode ser usada para sugerir que Agostinho é um fideísta, alguém que sacrifica a razão pela fé. Mas isso seria um grave mal-entendido. Muitas vezes você vê isso. Ele acreditou para saber.

“Agostinho abordou com grande sofisticação porque é que a fé é razoável e porque é que a razão sem fé é incompleta. Há, por exemplo, o ensaio muito envolvente, *A utilidade de acreditar*. O próprio título reflete a suposição de Agostinho de que cristãos e não cristãos são capazes de considerar juntos o que seria útil para a compreensão da verdade. Agostinho argumenta que a crença é necessária para a compreensão. Ele explica detalhadamente ao seu interlocutor incrédulo o caso razoável para acreditar. É claro que Agostinho e seu interlocutor que compartilhavam um *a priori* comum... que a crença é necessária para entender – na vida cotidiana, na ciência, na amizade e em questões religiosas e por que a crença é necessária como ela mesma explicável racionalmente. 'Entenda minha palavra para crer', diz Agostinho, 'mas acredite na palavra de Deus para compreender'. Como escreve Ephtham Gillson... '[Em Agostinho] a própria possibilidade de fé depende da razão... porque somente a razão é capaz de crer.'

Novamente, 'A doutrina agostiniana concernente às relações entre razão e fé compreende três etapas: preparação para a fé pela razão, ato de fé, compreensão do conteúdo da fé.' Mas o próprio Agostinho disse melhor: 'Ninguém acredita em nada a menos que primeiro pense que é crível'. Tudo o que se acredita deve ser acreditado depois que o pensamento precedeu. Nem todo aquele que pensa acredita, pois muitos pensam para não acreditar; mas todo aquele que crê pensa.'

Agostinho era um firme oponente do que mais tarde viria a ser chamado de fideísmo. A alegação de que a fé é totalmente arbitrária – que não é apoiada e não pode apelar para um *a priori* sobre o que é razoável – não encontra apoio em Agostinho, nem na corrente principal da Grande Tradição do pensamento cristão.

6. Historicamente Amerstadam – pressuposicional; Princeton – Evidencialistas

Então, há aquele pequeno segundo parágrafo do artigo de Neuhaus. E o próximo artigo mencionado em seu esboço é um artigo bastante longo de Donald Fuller e Richard Gardiner intitulado “Teologia Reformada em Princeton e Amsterdã no final do século XIX: uma reavaliação”. Foi publicado no Covenant

Theological Seminary em 1995. Acho que é extremamente útil para explicar a situação das escolas de pensamento geradas em lugares como Princeton no início dos anos 1900. Houve um período em que a escola de pensamento gerada na Universidade de Amsterdã era apologética pressuposicionalista e a escola de pensamento de Princeton era evidencialista, no que dizia respeito à apologética.

É um artigo bastante longo. Você notará que tenho uma boa quantidade de trechos dele começando na página 34 em suas citações indo até a página 37. Não quero perder tempo analisando isso, mas encorajo você a lê-lo. Acho que você descobrirá que é bastante complexo, mas acho que será útil para resolver esses problemas.

Basta abrir a página 37 e veremos os últimos 2 parágrafos onde Fuller e Gardiner dizem: "Warfield e os antigos teólogos de Princeton acreditavam que a razão e a fé cooperavam para fornecer um conhecimento de Deus coordenado com *um verdadeiro conhecimento* humano, mesmo se o conhecimento fosse incompleto. Essa noção *coordenada* de fé e razão está enraizada no agostinianismo", como Neuhaus estava dizendo, "está profundamente em desacordo com o positivismo do século XIX" - tipo de pensamento iluminista - e "significa que falar sobre Deus para o un -regenerar realmente importa. A visão de Warfield para o engajamento cristão com perspectivas intelectuais seculares é, portanto, bem diferente da orientação retrógrada de Kuyper." Foi um recuo para aquela posição subjetiva, o princípio interno. "Warfield escreve: 'Vamos, então, cultivar uma atitude de coragem em relação às investigações do dia. Ninguém deve ser mais zeloso do que nós. Ninguém deve ser mais rápido para discernir a verdade em todos os campos, mais hospitaleiro para recebê-la, mais leal para segui-la onde quer que ela leve. Não é para os cristãos serem mornos em relação às investigações e descobertas da época. Mas é para nós, portanto, como Os cristãos devem levar as investigações ao máximo, ser líderes em todas as ciências, permanecer na veia da crítica, ser os primeiros a captar em todos os campos a verdade da fé em nosso redentor. A maldição da igreja tem sido sua apatia para

verdade ... ela não tem nada a temer da verdade; mas ela tem tudo a temer, e ela já sofreu quase tudo, por ignorância. Toda verdade nos pertence como seguidores de Cristo, a Verdade; vamos finalmente entrar em nosso próprio herança." Então, esses são alguns comentários sobre esta questão maior: "Existe valor apologético para o cumprimento da profecia?" Essas são algumas das posições que foram tomadas.

B. A Reivindicação Reveladora da Bíblia

B. na página 5 está o título "A reivindicação reveladora da Bíblia". A Bíblia se apresenta como a Palavra de Deus, não simplesmente como produto do pensamento ou reflexão humana. Grande parte da Bíblia se preocupa com a história humana, e em suas seções proféticas a Bíblia afirma esboçar linhas gerais da história futura que são determinadas pela vontade soberana de um Deus que fala por meio dela. Essa afirmação única exige, e certamente está aberta a, verificação e teste. Quer alguém acredite na Bíblia ou não, suas declarações históricas (tanto preditivas quanto não preditivas) são algo que, em grande medida, pode ser submetido à verificação. A Bíblia indica que muito do seu plano revelado para a história já foi realizado na história de Israel e no aparecimento de Jesus Cristo. É nossa opinião que na conexão entre profecia e cumprimento, particularmente entre o Antigo Testamento e em Cristo, deve ser encontrada uma estrutura objetiva de profecia/cumprimento que é claramente visível ou reconhecível. A existência desta estrutura de profecia/cumprimento aponta para a existência e veracidade do Deus que falou na revelação bíblica.

Essa estrutura de profecia/cumprimento não é caracterizada pelo que se poderia chamar de qualidade religiosa ou pística. Não é algo subjetivo ou interno. Em vez disso, é algo que rompe o subjetivismo religioso por sua própria natureza, porque permanece como uma entidade reconhecível que aponta para a realidade e veracidade do Deus da revelação bíblica, independentemente da necessidade de

compromisso religioso com esse Deus. Em outras palavras, você pode olhar para uma profecia e olhar para a história para ver se ela foi cumprida, e isso é algo que pode ser submetido à verificação; isso é algo fora de si mesmo.

No Antigo Testamento e no Novo Testamento, notamos que a demonstração da existência de Deus é baseada principalmente em sinais claramente reconhecíveis e na coerência da profecia e do cumprimento. Em outras palavras, se você pegar a própria Bíblia, como Deus se dá a conhecer? Pense nos eventos do Êxodo e passe pelas pragas onde a declaração é explícita. “Estas coisas são feitas para que saibais que eu sou o Senhor.” Você pode vê-los. Você pode ver que Moisés fala com antecedência e depois acontece. Isso também é verdade em Josué, onde a mesma coisa acontece com a travessia do rio Jordão e a tomada de Jericó. Assim, demonstrar a existência de Deus é baseado principalmente em sinais reconhecíveis e na coerência da profecia e cumprimento. Embora seja verdade que o reconhecimento intelectual da “existência” de Deus não é crença em um sentido existencial apenas porque a crença é possível pela obra do Espírito Santo desenvolvendo um relacionamento entre o homem e Deus. É, no entanto, um corolário e um pré-requisito para a fé genuína. A fé genuína é uma resposta ao que Deus demonstrou na história, em seu poder e existência. Em tudo isso é necessário lembrar que existe uma revelação objetiva que está ali. Essa revelação objetiva existe à parte da resposta de fé que é operada no indivíduo dada pelo Espírito Santo quando esse indivíduo se submete ao Deus da revelação bíblica. Esta distinção pode ser denominada como uma revelação interna e uma revelação externa. Para evitar mal-entendidos, devemos deixar claro que a profecia objetiva existe e é reconhecida por um personagem identificável, a revelação externa.

Parece-me que é disso que as pessoas como Aalders sentem falta. Eles falam sobre esse princípio interno. Bem, tudo bem. Sim, existe esse princípio interno, mas é o Espírito Santo regenerando dentro de nós e abrindo a mente. Ninguém jamais chegará ao conhecimento da verdade sem ela. Mas isso não significa que não haja um princípio externo ou uma revelação externa — algo que

realmente existe e que evidencia que Deus é quem afirma ser. É assim que Deus se deu a conhecer por meio das Escrituras, sinais e maravilhas e profecia/cumprimento.

C. Profecia e Cumprimento

Isso nos leva a C., “Profecia e cumprimento”. No Antigo Testamento somos confrontados com uma forma única e surpreendente da revelação divina. Esta revelação comporta componentes adequados para demonstrar de forma objetiva e reconhecível a realidade do Deus de Israel. Eles incluem:

1. Deus torna sua existência e poder reconhecíveis entre muitas testemunhas de várias maneiras, incluindo sinais, maravilhas e teofanias. Isso é algo que está por aí. Pode e foi visto por várias testemunhas.
2. Deus torna conhecido um plano para a história futura por meio de seus porta-vozes, os profetas.
3. Este desígnio para a história futura realiza-se como foi professado e predito pelos profetas.

Observe que no primeiro componente – sinais, maravilhas e teofanias – está o sentido perceptível da apresentação de algo em que Javé afirma revelar-se. Os dois outros componentes destinam-se a confirmar a evidência dessa afirmação, isto é, profecia e cumprimento, plano e execução.

Aqui pode-se dizer que o Antigo Testamento se distingue de todas as outras “revelações religiosas” por não promover a crença simplesmente com base no que certas pessoas afirmam ter recebido por revelação divina. Qualquer um pode ir lá e dizer que Deus falou comigo. Foi isso que Mohamed fez. Qualquer um pode fazer isso. Mas não está promovendo a crença com base no que as pessoas afirmam ter recebido por revelação divina. Pelo contrário, a crença é fundada na revelação que está ligada a sinais externos e à progressão da história de acordo com um plano previamente anunciado. No esboço, dei alguns exemplos bíblicos disso.

Agora eu quero fazer uma distinção aqui. Esses sinais e prodígios cumprem a função de autenticar a existência e o poder de Deus para as pessoas que os observaram naquele tempo. Não estamos mais lá. Tudo o que podemos fazer é ler os relatos do que Deus fez naquela época e como se revelou ao seu povo, desde a época do êxodo até a época da conquista ou do primeiro advento de Cristo.

No parágrafo seguinte, menciono que o Antigo Testamento não fornece argumentos mitológicos ou metafísicos para a existência de Deus. Não é assim que Deus demonstra sua existência.

1. Auto-autenticação dos profetas No próximo parágrafo. Os sinais que Deus deu para autenticar as palavras dos profetas e tornar sua própria presença visível para seu povo serviram a um propósito de autenticação imediato e direto em conexão com o progresso histórico da revelação e da redenção. Com a conclusão da revelação, não devemos esperar a continuação de tais sinais. Já falamos sobre isso antes em conexão com a concepção de Vos sobre o progresso da revelação e redenção. A revelação tem esse lado objetivo, bem como o lado individual subjetivo. A revelação é realmente a interpretação da redenção e a revelação se move junto com ela. Mas quando a redenção atinge seu clímax em Cristo, então a revelação deixa de existir. Mas isso é outra questão. Não procuramos uma continuação de tais sinais. Os sinais, portanto, não desempenham o *mesmo propósito de autenticação direta* para nós hoje como eles fizeram para aqueles a quem os sinais foram originalmente dados. A conexão entre profecia e cumprimento, entretanto, é de tal natureza que *seu valor* como evidência da existência e veracidade do Deus da revelação bíblica *continua a funcionar de maneira direta*, mesmo entre as gerações sucessivas. Em outras palavras, sinais e maravilhas funcionam no tempo em que foram dados. Agora lemos relatos disso. A profecia e o cumprimento continuam a funcionar mesmo para as gerações seguintes porque essas gerações podem olhar para essa estrutura de profecia/cumprimento. Se você puder estabelecer que a profecia foi dada em um

determinado ponto e tempo e não foi cumprida até séculos depois. Existem muitos exemplos desses tipos de profecias - aí está algo que eu acho que tem valor apologético.

2. Bloom, Gaugh e Newman: Milagres Testáveis

JA Bloom, HG Gaugh e RC Newman, que foi professor de Novo Testamento aqui por muitos anos, argumentam que a profecia cumprida é um tipo acessível de milagre, um milagre testável em vez de um milagre relatado. Você vê a distinção aí? Eles argumentam que, uma vez que a profecia cumprida é um tipo acessível de milagre, um milagre testável em vez de um milagre relatado, esse caráter da profecia serve para contornar a dificuldade do milagre relatado, como a observação ou interpretação do que aconteceu. A profecia é diferente de uma experiência privada do milagre porque seu cumprimento é muitas vezes testável por qualquer pessoa interessada, seja essa pessoa simpatizante da cosmovisão teísta da Bíblia ou não. O Deus de Israel é, então, aquele que afirma crer com base nas coisas que o povo viu e experimentou dele. Lógica ou racionalmente falando, pode-se dizer que o Antigo Testamento demonstra que Israel dificilmente poderia fazer outra coisa senão acreditar porque ela poderia saber por fatos objetivos que o Senhor é. Como você não poderia chegar a essa conclusão se estivesse entre aqueles que foram enviados para fora do Egito? E que nenhuma de suas palavras lhe volte vazia ou vazia. Israel podia e voluntariamente virou as costas para coisas que eram claramente idolatria. O Senhor deu ao seu povo muitos infalíveis, a NIV tem provas “convincentes”, para usar a redação de Atos 1, onde ele afirma a veracidade de sua existência e poder. Em nosso testemunho, não devemos fazer nada menos do que isso e simplesmente adotar os meios que o próprio Deus empregou para demonstrar a seu povo que ele existe. Foi assim que ele trouxe a redenção de seu povo.

Assim, parece-me nesse contexto, dadas certas qualificações que são mencionadas na conclusão, que a profecia e o cumprimento são algo verificável e

testável, e é uma estrutura objetiva que fica fora do indivíduo. Ela tem uma função legítima no sentido apologético de apontar para as reivindicações de verdade da Bíblia e de Cristo como o redentor da humanidade. Não vou ler a conclusão, você pode fazer isso sozinho. Então esse é o numeral romano X.

XI. Obadias

Na página 6 do esboço de sua aula, chegamos à nova seção do curso, “Pesquisa de livros proféticos”. Como eu disse antes, quero passar pelos profetas menores de Oséias, Obadias, Joel e Amós no restante de nosso curso.

1. Observações introdutórias O ponto 1 é, “Comentários introdutórios”. Portanto, antes de falar com Obadias, deixe-me fazer alguns comentários gerais. Falamos anteriormente sobre a classificação dos livros proféticos e na tradição judaica existe a dos profetas anteriores e dos profetas posteriores. Os antigos profetas sendo o que normalmente conhecemos hoje em nossa tradição são livros históricos: Josué, Juízes, Samuel e Reis.

Os profetas posteriores são o que chamamos de livros proféticos. Eles são divididos em dois grupos. Você está familiarizado com essa classificação, tenho certeza: os Profetas Maiores e os Profetas Menores. Os termos maior e menor não têm nada a ver com significado ou importância, mas simplesmente com extensão. Os profetas maiores são os maiores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os profetas menores são os 12. Acho que você deveria saber os nomes deles, não vou passar a lista.

Mas eu quero dizer algo sobre o arranjo da lista dos Profetas Menores. Você tem lido em Bullock, na verdade você tem lido em uma ordem diferente da que Bullock os colocou e a razão para isso é simplesmente que o namoro de Bullock com alguns dos profetas foi diferente da maneira como eu os dataria. Por exemplo, o primeiro é Obadias.

2. Ordem dos Profetas Menores Mas você chega à questão de por que os Profetas Menores em nossas Bíblias hoje estão na ordem em que aparecem atualmente? Quando você olha em nossa Bíblia em inglês, e isso também é verdade na Bíblia hebraica, nos Profetas Menores, você tem: Oséias, Joel, Amós e Obadias como os quatro primeiros, e depois Jonas e Miquéias. Mas se você for à Septuaginta, os primeiros 6 estão nesta ordem: Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Obadias e Jonas. É uma ordem bem diferente. A ordem com a qual estamos familiarizados é retirada da Bíblia Hebraica e a Septuaginta tem uma ordem diferente. Se você olhar para as duas listas, parece haver poucos critérios discerníveis para qualquer uma das listas no que diz respeito à ordem em que os livros ocorrem. Acho que o que é perceptível é que Ageu, Zacarias e Malaquias são os últimos e todos são pós-exílicos. Então parece que há um elemento cronológico pelo menos nesses últimos livros. Amós é colocado depois de Oséias na ordem. Oséias, Amós Obadias. No entanto, Amós foi anterior a Oséias. Então você tem essa pergunta, e acho que ninguém jamais apresentou uma explicação convincente para a ordem dos livros na Septuaginta ou na Bíblia hebraica. Mas acho que devemos estar cientes disso.

3. Namorar Profetas Menores

Vamos discutir questões de namoro com Obadiah e Joel. Ambos são muito difíceis de namorar. Mas acho que você pode dividir os profetas em três períodos se usar as nações que foram o poder proeminente que afetou a história de Israel e Judá: o período assírio, o período neobabilônico e o período persa. Esta é a ordem que você tem seguido em sua leitura em Bullock. Assim, o período assírio tem nove profetas, o período babilônico — Jeremias, Ezequiel, Daniel, Sofonias e Habacuque, e o período persa — Ageu, Zacarias e Malaquias. Então, apenas esses comentários gerais sobre os primeiros quatro desses livros: Oséias, Joel, Amós e Obadias.

A. Obadias Vamos a Obadias. Eu te dei aquela apostila. Você notará que A. sob o numeral romano II é “data e autor de Obadias”. Acho que mencionamos que Obadias é um dos mais difíceis até hoje. As diferenças de data não são baseadas em pontos de vista liberais ou conservadores e variam de cerca de 840 aC, o que o torna o mais antigo, até pouco depois da destruição de Jerusalém, por volta de 586 aC, e alguns até 450. Portanto, você pode ver que há é uma ampla gama de conclusões.

No cerne da questão da datação está a identificação da pilhagem de Jerusalém mencionada nos versículos 10 e 11. Se você abrir em Obadias, que é um livro de um capítulo, você notará que é um oráculo contra os edomitas. O julgamento está sendo pronunciado sobre os edomitas. Nos versículos 10 e 11, Obadias diz: “Por causa da violência contra seu irmão Jacó” (os edomitas são descendentes de Esaú), “você será coberto de vergonha, você será destruído para sempre no dia em que você se afastou enquanto estranhos carregavam de sua riqueza e estrangeiros entraram por seus portões e lançaram sortes sobre Jerusalém. Você era como um deles. Portanto, há uma referência aqui aos edomitas tendo algum tipo de associação com a pilhagem de Jerusalém. Estranhos levaram riquezas, lançaram sortes sobre Jerusalém. Você percebe que eu digo que o ponto crucial está na pilhagem de Jerusalém pelos edomitas em 10 e 11 e possivelmente até 14. Isso se torna uma questão interpretativa e tem relação com a data. Os versículos 12-14 falam de algum tipo futuro semelhante de pilhagem de Jerusalém ou são uma continuação dos versículos 10 e 11? Voltarei a isso e discutiremos isso com mais detalhes mais tarde. Mas primeiro, quais são as posições que foram defendidas para a identificação da pilhagem de Jerusalém mencionada nos versículos 10 e 11? Eu listei 3 deles aqui.

1. Uma pilhagem no reinado de Jeorão de Judá por uma coalizão de filisteus e árabes

A. é: “Uma pilhagem no reinado de Jeorão de Judá por uma coalizão de filisteus e árabes”. Em 2 Crônicas 21:8 você lê que no tempo de Jeorão, “Edom se rebelou contra Judá, estabeleceu seu próprio rei”. Versículo 10, “Até hoje Edom tem estado em rebelião contra Judá.” Vá para o versículo 16. É ao mesmo tempo , durante o reinado de Jeorão, “O Senhor levantou contra Jeorão a hostilidade dos filisteus e dos árabes que viviam perto dos etíopes. Eles atacaram Judá, invadiram-na e levaram todos os bens que encontraram no palácio do rei, juntamente com os filhos e as mulheres. Nenhum filho foi deixado. Portanto, há nossos registros sobre uma pilhagem de Jerusalém ligada à rebelião dos edomitas. Em 2 Reis 8:20 você não tem referência à rebelião dos edomitas contra Jeorão. Portanto, é possível que os edomitas tenham cooperado nessa invasão e compartilhado nos despojos. Isso pode ser o que provocou o julgamento de Edom em Obadias. Essa é a visão inicial.

2. Pilhagem de Jerusalém pela Babilônia em 586 aC

Uma segunda visão é que nos versículos 10 e 11 de Obadias o que você tem é uma referência à pilhagem babilônica de Jerusalém em 586 AC A destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, alguns dizem, é apoiada por Ezequiel 35:5, mas a referência não é conclusiva . Ezequiel 35:5 diz (esta é uma profecia dirigida a Edom, uma profecia de julgamento): “Porque você abrigou uma hostilidade antiga e entregou os israelitas no tempo da espada no tempo de sua calamidade, o tempo de sua punição chegou. seu clímax” (claramente o tempo da destruição de Jerusalém pela Babilônia está em vista), “Portanto, tão certo como eu vivo, declara o Senhor soberano, eu dou a você o derramamento de sangue, e ele o perseguirá. Visto que você não odiou o derramamento de sangue, o derramamento de sangue o perseguirá”. Então, acho que está claro que, sim, os edomitas tiveram alguma participação na pilhagem de Jerusalém em 586, mas isso não significa que eles não tivessem feito isso antes! O fato de Edom mais tarde ter assumido uma posição semelhante na época da destruição de Jerusalém não quer dizer que eles não

tivessem feito algo semelhante anteriormente. As objeções à data de 586 são que não há menção de deportação de toda a população, não há menção da destruição da cidade e do templo, nem há menção de Nabucodonosor do versículo 10, "porque violência contra teu irmão serás coberto de iniquidade".

Então, no topo da página 2, a interpretação de 10-11 e 12-14 como tendo dois pontos de referência deve ser considerada. Há uma fraseologia semelhante em Jeremias 49:1 e sua relação com Obadias 1-6. Alguns tentam usar isso para namorar. Há alusões na linguagem entre Jeremias 49:1-7 e Obadias 1-6. A pergunta é: Qual profeta tem prioridade? As coisas estão divididas sobre qual é o original ou se ambos refletem uma fonte anterior de alguma profecia desconhecida. Como você explica essas semelhanças na linguagem? Obadias está refletindo a linguagem de Jeremias? Ou é o contrário, Jeremias está refletindo a linguagem de Obadias? Pode ser qualquer um. Portanto, não acho que seja uma maneira de chegar a uma conclusão sobre namoro.

3. Os versos 10-11 de JB Payne de Obadias falam sobre um ataque a Israel pela Síria na época de Acáz

Mas então uma terceira sugestão vem de J. Barton Payne é que os versículos 10-11 de Obadias falam sobre um ataque a Israel pela Síria acontecendo na época de Acáz e que foi acompanhado pelo ataque simultâneo dos edomitas. Isso é 2 Crônicas 28:16-18, onde você lê: "Naquela época, o rei Acáz foi pedir ajuda ao rei da Assíria. Os edomitas vieram novamente e atacaram Judá e levaram prisioneiros, enquanto os filisteus atacaram no sopé das colinas e depois deram a Judá. Eles capturaram e ocuparam [seus lugares]." Essa é outra possibilidade, embora não haja nenhuma referência específica a Jerusalém.

Agora, o que se segue são apenas alguns nomes. Existem alguns defensores da data posterior a 586 aC, após a pilhagem de Jerusalém pelos babilônios, Nabucodonosor. RK Harrison acredita que uma data posterior de cerca de 450 aC

Então essa é a questão sobre namoro, e como mencionei, essa questão surge ainda mais quando você olha mais de perto os versículos 10-11 e 12-14 e o que você conclui é a relação entre eles. Eu quero adiar essa discussão por alguns minutos ainda. Mas voltaremos a isso. Mas qual pilhagem de Jerusalém você vê referenciada em 10-11 vai afetar sua conclusão sobre namoro.

4. Autor de Obadias

O autor é Obadias, que significa “Servo do Senhor”. Ele é um profeta sobre quem nada sabemos. Tudo o que temos é sua profecia e não há muito no próprio livro de Obadias que diga algo sobre esse indivíduo. Existem vários outros Obadias mencionados no Antigo Testamento, mas nenhum outro mencionado que se conecte ao tempo de Acabe.

B. O Tema do Livro de Obadias

B. é: “O tema do livro”. Já relatamos isso um pouco aqui. É um pronunciamento de julgamento sobre Edom. Já mencionei que os edomitas eram descendentes de Esaú. Volte para Gênesis e veja a relação dos edomitas com Esaú. Gênesis 36:8 nos diz que Esaú viveu na cordilheira Seir de Edom, muitas vezes usada como sinônimo de pátria, diretamente ao sul do Mar Morto e a leste com um país montanhoso, a leste da depressão do Vale do Rift, conectando o Mar Morto e Golfo de Aqabah do Mar Vermelho. As principais cidades eram Bozrah e talvez Sela, que significa “rocha privada”, alguns pensam que é uma referência à cidade de Petra, que é um famoso sítio arqueológico no território edomita. De Eziongeber, que fica bem na ponta do golfo de Aqaba, há uma estrada chamada estrada do rei, que segue para o norte através de Edom. Essa era a rota que Moisés queria conduzir os israelitas na época do Êxodo, mas se você se lembra, naquela época os edomitas se recusaram a deixar os israelitas irem e, portanto, eles tiveram que dar a volta. A partir daí, houve conflitos entre os edomitas e os israelitas. Acho que esse é o resultado do que você pode chamar de controvérsia Jacó/Esaú,

se você se lembra de toda aquela situação em que houve uma luta com os dois irmãos pela bênção de Isaque e assim por diante.

Veja a página 38 de suas citações. Keil fez alguns comentários sobre essa relação e vamos concluir com isso. Ele disse: “O erro, ou a violência, é ainda mais repreensível quando é cometido contra um irmão. As relações fraternas em que Edom se manteve em relação a Judá são ainda mais nitidamente definidas pelo nome Jacó, visto que Esaú e Jacó eram irmãos gêmeos. A consciência de que os israelitas eram seus irmãos deveria ter impellido os edomitas a prestar apoio útil aos judeus oprimidos. Em vez disso, eles não apenas se deleitaram com prazer desdenhoso e maligno no infortúnio da nação irmã, mas se esforçaram para aumentá-lo ainda mais, prestando apoio ativo ao inimigo. Esse comportamento hostil de Edom surgiu da inveja pela eleição de Israel, como o ódio de Esaú por Jacó, que foi transmitido a seus descendentes, e veio à tona abertamente por volta da época de Moisés, na recusa não fraternal de deixar os israelitas passarem em uma maneira pacífica através da terra. Por outro lado, a lei sempre ordena aos israelitas que mantenham uma atitude amigável e fraternal para com Edom.” Em Deuteronômio 2:4-5 e 23:7 é ordenado a eles não abominar os edomitas, porque ele é irmão deles. Então você tem o resultado que você pode dizer da controvérsia Jacó/Esaú que ainda está em andamento em qualquer data que seja... 840... 586 e assim por diante.

Tudo bem, vamos parar por aqui e continuar com C, que é, “Alguns comentários sobre o conteúdo” da próxima vez.

Transcrito por Samuel Winslow para CE
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt